

## Um olhar local: a imprensa baiana e os primeiros momentos do governo presidencialista de Jango (1963).

A look place: The Bahian press and the first moments of the presidential government of Jango (1963).

Simão Alves Tannous\*

**Resumo:** o presente artigo objetiva analisar a visão dos dois principais veículos de comunicação impressa do estado da Bahia (Jornal a Tarde e Jornal da Bahia) no ano de 1963, compreendendo suas posições nos momentos iniciais do presidencialismo de João Goulart.

**Palavras-chave:** imprensa – jornalismo político – João Goulart.

**Abstract:** this article examines the vision of two major news outlets printed the state of Bahia (Jornal a Tarde and the Jornal da Bahia) in 1963, including their positions in the early stages of the presidential system of João Goulart.

**Key words:** Press - journalism political – João Goulart.

### Introdução.

Após a conturbada renúncia de Jânio Quadros, João Goulart assumiria o governo brasileiro submetido ao regime parlamentarista. Posteriormente, no ano de 1963 um plebiscito determinava o retorno do presidencialismo. Contudo, o governo do presidente Goulart seria marcado por cobranças de inúmeros setores, observamos o interesse das multinacionais, das demandas da classe média e da mobilização anticomunista.

Os meios de comunicação foram utilizados pelas lideranças civis, políticas, partidárias ou sindicais como instrumento para levar ao público suas idéias e programas. Por volta da década de 1960 observamos o apogeu do jornalismo político que acompanhava reivindicações e contestações político ideológicas. Segundo Alzira Alves de Abreu, outra característica da imprensa:

*(...) é que, até os anos 1960, quando a indústria de comunicação de massa era incipiente, ela podia ser considerada partidária. Embora os jornais não fossem sustentados por qualquer facção política, refletiam os interesses*

---

\* Bacharel em História e mestrando pela Universidade Federal da Bahia.

*ideológicos dos partidos, faziam parte de uma imprensa que tinha uma concepção missionária de sua atividade. (ABREU, 2006: 108-109).*

Uma observação relevante é que o engajamento da imprensa se dava no contexto político de exaltação contra o comunismo e a Revolução Cubana. Segundo Tannous:

*(...) a mídia foi uma das responsáveis pela divulgação do fantasma comunista, exacerbando a divulgação de notícias sobre um caos administrativo que rondava o país, sendo necessário o restabelecimento da ordem. Ainda, é importante refletir que os posicionamentos contra o comunismo e as mudanças da estrutura da sociedade ocorriam devido à visão conservadora dos proprietários de jornais e de alguns jornalistas. (TANNOUS, 2009: 3).*

Analisando o papel da mídia, Alzira de Abreu estabeleceu o posicionamento da imprensa frente à figura de João Goulart. Em um primeiro momento, logo após a renúncia de Jânio Quadros, a maioria dos jornais abriu espaço para discursos favoráveis a preservação do regime e a posse de João Goulart. Posteriormente, a mídia apoiou a solução parlamentarista (02/09/1961) e, depois, o plebiscito (06/01/1963). A seguir, com a ocorrência da Revolta dos Sargentos (12/09/1963) a imprensa começou o distanciamento do governo de João Goulart, apresentando como solução o impeachment do presidente e, portanto, sua substituição dentro da legalidade. Por fim, com o Comício das Reformas (13/03/1964), o Levante dos Marinheiros (26/03/1964), a reunião dos sargentos no Automóvel Clube do Rio de Janeiro (30/03/1964) e a intensificação da mobilização ideológica quando o governo acabou perdendo o apoio dos grupos de centro, aproximou-se da esquerda levando a maioria dos jornais (FERREIRA, 2006: 108) a pedir a substituição do governo dentro dos preceitos constitucionais, enquanto a minoria exigiu (ABREU, 2006, p. 108) a intervenção militar como única forma de restabelecer a ordem.

O que nos interessa é o entendimento da mudança de posicionamento da mídia desde a solução parlamentarista até a queda do regime constitucional em 1964. Não podemos esquecer que:

*O uso do jornal possibilita a análise do universo das relações pessoais e políticas das mais diversas regiões, além de poder acompanhar a tomada de posição no contexto macro e micro da região estudada. É relevante a capacidade da imprensa em encaminhar o debate sobre determinados assuntos, interferindo no rumo dos acontecimentos e obrigando os atores ou instituições a se posicionarem (TANNOUS, 2009: 2).*

Assim, pretendemos compreender o discurso da imprensa escrita baiana, focando o Jornal a Tarde e o Jornal da Bahia, sem perder as peculiaridades do contexto baiano.

Tomando emprestado a conceituação de Paulo Fábio Dantas Neto, podemos afirmar que as eleições de 1962 na Bahia estavam marcadas por dois scripts. De um lado estava

Antônio Lomanto Junior (UDN – PTB – PL – PRT – PR – PRP – PST) e do outro Waldir Pires (PSD – PDC – PTN – PSP – PSB). A campanha de Lomanto Junior focava o interior baiano e o momento de ocupação do governo que tradicionalmente era dirigido pelos políticos da capital; a necessidade de criação de um parque baiano para retirar a Bahia do subdesenvolvimento; e a ênfase nos valores religiosos.

Já a campanha de Waldir Pires pretendia modernizar a ação do estado a partir da introdução de quadros técnicos na administração pública. Assim, a modernização via planejamento do Estado fazia parte da onda nacional-desenvolvimentista de Vargas, e era herdeira direta da gestão de Antônio Balbino (1955-1959).

A principal diferença entre Lomanto Junior e Waldir Pires estava na incorporação dos setores tradicionalmente excluídos (classes trabalhadoras, urbanas e rurais) representados pelos sindicatos e políticos ligados ao PCB (Partido Comunista Brasileiro). Waldir Pires trazia em sua campanha a possibilidade destes setores poderem incorporar parte de suas demandas, o que representava um perigo para os interesses da elite baiana.

Outra peculiaridade baiana é o apoio do presidente João Goulart ao candidato da UDN (União Democrática Nacional) e junto com ele o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) num leque de forças conservadoras. E já o PSD (Partido Social Democrata), diferente da sua postura nacional, no estado representava forças políticas progressistas mais próximas do reformismo de Goulart. Na disputa entre progressistas e conservadores, o conservadorismo da elite baiana e da Igreja venceu impedindo uma modernização com cunho mais popular.

Os dois principais veículos de comunicação escrita da Bahia, o Jornal a Tarde e o Jornal da Bahia, estavam atentos aos acontecimentos e levavam a notícia a população baiana de modo que a mesma se posicionasse frente as situações. Antonio Mauricio Freitas Brito destaca brevemente que o Jornal a Tarde foi engrossando o discurso anticomunista, enquanto que o Jornal da Bahia demonstrava-se favorável ao governo Goulart (BRITO, 2008: 25). Na continuação deste rápido comentário ele destaca a necessidade de entender a complexidade que se está por trás destes posicionamentos.

Este artigo objetiva entender os discursos e posicionamentos do Jornal a Tarde e Jornal da Bahia entre o plebiscito (06/01/1963) e a Revolta dos Sargentos (12/09/1963) visando compreender as possíveis mudanças de posicionamento sobre o governo Goulart, os discursos anticomunistas presente e as peculiaridades existentes em cada veículo impresso. Obviamente, estes dois jornais apontaram seu ponto de vista levando em consideração as particularidades da conjuntura baiana e sua relação com o contexto nacional.

### Uma análise inicial do presidencialismo de João Goulart.

A solução parlamentarista foi o artifício usado para amenizar os ânimos após a renúncia de Jânio Quadros. Como de costume, a imprensa acompanhava os fatos e posicionava-se. O apoio à volta do presidencialismo no plebiscito de janeiro de 1963 é muito claro dentro do Jornal a Tarde. No dia dois de janeiro de 1963, o jornal lança uma reportagem denominada “Entre o ‘sim’ e o ‘não’” que afirma:

*Não discuto se foi patriótico ou pusilânime a ação do Congresso. Admito mesmo que tenha sido inspirada naqueles altos propósitos e que os resultados tenham sido benéfico. Mas então, esses méritos devem ser divididos com o senhor João Goulart que, com a sua tolerância permitiu que a paz fosse conseguida. (...) Não vejo solidez no argumento do contra. Por isso irei as urnas no dia 6, não por temor a qualquer sanção, por que acho do meu dever dizer NÃO ao ato adicional. (JORNAL A TARDE, 02/01/1963: 6).*

Por outro lado, o posicionamento do Jornal da Bahia é diferenciado. Eles aceitam e entendem o posicionamento da maioria da população contra a manutenção do parlamentarismo, no entanto não são favoráveis ao mesmo “Carece de qualquer fundamento aliar o sistema de Gabinete à presença de um executivo fraco. Nenhum país do mundo conhece outro mais forte do que o da Inglaterra, parlamentarista por excelência” (JORNAL DA BAHIA, 01/01/1963: 4).

Vale ressaltar, que o posicionamento do Jornal da Bahia não é contra a figura do presidente João Goulart, mas sim contra o sistema presidencialista que jamais teria dado “homogeneidade político-administrativa aos diferentes governos” (JORNAL DA BAHIA 01/01/1963: 4). Com isto, o sistema presidencialista mantinha uma política clientelista de troca de cargos e favores, o que era prejudicial ao país.

Juntamente com o impasse sobre a forma de governo, ou seja, parlamentarismo e presidencialismo, o mandato do presidente João Goulart tinha de estar atento aos compromissos políticos com os trabalhadores, estava encurralado pelos anseios da elite nacional e pelo contexto internacional da Guerra Fria. No âmbito econômico, a instabilidade político-institucional refletia-se e estava intimamente ligada à execução da política econômica de curto prazo que visava a estabilização da economia, mantendo sempre vivas as metas de crescimento com reformas sociais.

Dentro do contexto da Guerra Fria, os norte-americanos estavam atentos aos acontecimentos no Brasil. Em nove de fevereiro de 1963, o Jornal A Tarde mostra isto com muita clareza na reportagem denominada “Imprensa dos EUA comenta o plano trienal e volta ao presidencialismo”. Tal leitura proporciona uma visão otimista dos americanos,

ressaltando inclusive a opinião de um norte-americano que vive no país: “Brasil é talvez o país mais democrático de que já ouvi falar. Devemos a ele um enorme respeito. As condições que afligiram o Brasil nestes últimos anos teriam conduzi do qualquer outra nação a um holocausto” (JORNAL A TARDE, 09/02/1963: 4).

O Jornal da Bahia também aponta a preocupação dos norte-americanos com o Brasil. Em vinte e nove de janeiro de 1963, traz a reportagem “*Nota da embaixada visa o debate franco com os Estados Unidos*”. Assim, o noticiário aponta:

*A nota divulgada pela Embaixada do Brasil em Washington sobre os termos reais de ajuda norte-americana no desenvolvimento da economia brasileira, constitui parte do programa para retirar o tônus emocional das negociações financeiras entre os dois países e trazê-las as suas verdadeiras dimensões (JORNAL DA BAHIA, 29/01/1963: 3).*

A crise refletia o embate entre duas forças sócio-econômicas fundamentais: de um lado os interesses multinacionais-associados; do outro, as classes trabalhadoras que passavam por um processo de intensa politização. O gradual ritmo de organização política das classes subordinadas acirrava as lutas de classe, e tais acontecimentos precipitaram uma crise institucional que induziu a formação de uma frente burguesa que objetivava esvaziar o movimento da classe trabalhadora. Para Dreifuss:

*A industrialização capitalista, do ponto de vista dos interesses multinacionais e associados, só poderia prosperar sob a bandeira de uma ordem administrativa de inspiração empresarial e de segurança política. Para as classes dominantes e seus intelectuais orgânicos, a luta de classe dentro de um sistema de formulação de diretrizes políticas e tomada de decisão internacionalizadas deveria ser circunscrita a limites nacionais seguros. (DREIFUSS, 1981: 134).*

Em 9 de Fevereiro de 1963 o Jornal a Tarde demonstrava a preocupação norte-americana com o continente. Em reportagem denominada de “*Imprensa dos EUA comenta o plano trienal e volta ao presidencialismo*” fica a esperança sobre as possíveis reforma social e econômica necessárias ao Brasil, a ajuda que o presidente Kennedy pretende dar ao exterior, e por fim o perigo comunista. Segundo o Ministro da Defesa americano os problemas sociais na América Latina seriam maiores que o comunista. Em verdade, a tentativa de assistência a este continente através de ajuda no desenvolvimento econômico e social é uma tentativa de barrar a entrada comunista na região.

O fato é que o comunismo não preocupava somente aos americanos, o Jornal a Tarde não cansava de demonstrar sua aversão ao sistema, sendo o representante do conservadorismo baiano. Uma das figuras criticadas por seu posicionamento era Leonel Brizola. A reportagem de 29 de Janeiro de 1963 denominada “*Brizzola patrocinador da*

*subversão comunista*”, relatava que Brizola incentivava o acampamento de homens sem terra, fazia a doutrinação comunista nos campos, criticava João Goulart e apontava os americanos como principais inimigos.

Já em 31 de Janeiro de 1963 o Jornal a Tarde apontava a vontade de Prestes para que os trabalhadores fizessem greves pelo país. Para o líder, o presidente João Goulart e o Plano Trienal eram acusados de continuar contribuindo com a exploração imperialista. Queremos destacar que neste momento, o jornal ainda não associa Prestes e Brizola a João Goulart, o que mudaria com os rumos dos acontecimentos nacionais.

Brizola ainda tentaria através do rádio e televisão fazer um pronunciamento contra as posturas do Congresso Nacional frente à necessidade de reformas econômicas e sociais. No dia 7 de Fevereiro de 1963 a reportagem *“Presidente não deixa Brizola falar para rádio nacional”* descreve a insatisfação de partidos como a UDN e PSD com o possível ataque de Brizola ao congresso, classificando o mesmo como antipatriótico. Contudo, a uma defesa ao papel do presidente João Goulart que teria apelado ao cunhado para não fazer o pronunciamento.

Podemos perceber que mesmo frente às desconfianças presentes num jornal decididamente conservador e anticomunista, o Jornal a Tarde inicialmente não faz nenhuma associação entre as posturas do presidente João Goulart e a subversão, inclusive tendo a cautela de demonstrar as posições do presidente frente à manutenção da ordem social.

Após a vitória de Jango no plebiscito, o Jornal da Bahia preocupou-se em mostrar as intenções do presidente. Em reportagem de 8 de Janeiro de 63 estabelece as prioridades ditas pelo novo governo: reforma agrária, reforma fiscal e bancaria. A preocupação com a conjuntura internacional também estava nas páginas do Jornal da Bahia, em 9 de Janeiro de 63 o periódico analisa a ida de San Tiago Dantas aos Estados Unidos em busca de empréstimos necessários a estratégia do novo governo.

Porém, seria no editorial especialmente posto na primeira página de 25 de Janeiro que o Jornal da Bahia demonstrava sua simpatia pelo presidente:

*Mas sobreviveram as desconfianças, as maquinações políticas e reavivaram-se certas reservas que lhe eram feitas em círculos militares e conservadores, fatores esses que prevaleceram fortemente, quando se aventou, pela primeira vez, negra pura e simplesmente a sua posse, e mais tarde quando se optou pela solução parlamentarista. O Sr. João Goulart, em todo esse episódio – justo é reconhecê-lo agora – portou-se com equilíbrio, ponderação e decisão digamos de um estadista experimentado, em nenhum momento preferindo o caos e a guerra civil como preço para conservar os poderes. Aceitou tudo tranqüilo. Mas, fazendo lembrar a argúcia política do velho Vargas, à sombra do qual se firmou no cenário nacional. (...) É*

*grande, por conseguinte, a responsabilidade do Sr. João Goulart, a partir de hoje. Ele tem o dever indeclinável de não trair a confiança do povo brasileiro. Não que se esperem milagres, nem passes de mágica, através dos quais seriam resolvidos todos os grandes e graves problemas que ali estão. (JORNAL DA BAHIA, 25/01/1963: 1).*

O equilíbrio apontado e a necessidade de dar tempo ao presidente para resolver as questões nacionais demonstram a esperança depositada pelo periódico no presidente. No tocante ao comunismo, o Jornal da Bahia era liderado por João Falcão e nasceu do sonho de desvincular-se de uma imprensa baiana “conservadora e vinculada a líderes políticos” (FALCÃO, 2006). Com a participação de integrantes do PCB, logicamente o jornal traria uma visão diferenciada da conjuntura política marcada pela Guerra Fria. Ao contrário da perseguição e descaracterização do Jornal a Tarde a alguns personagens como Leonel Brizola, Miguel Arraes e Luis Carlos Prestes, o tom do Jornal da Bahia era mais moderado. Como exemplo, a reportagem de 15 de Janeiro de 1963 destacava o anúncio dos secretários do governador eleito de Pernambuco, o senhor Miguel Arraes, e da intenção deste de reunir-se com o presidente Goulart. Também, preocupou-se em demonstrar a sensibilidade dos líderes comunistas, informando no editorial de 20-21 de Janeiro de 1963 que o líder russo Nikita Krushev em pronunciamento ao VI Congresso do Partido Comunista de Berlim Oriental preocupava-se com a necessidade da coexistência pacífica e o perigo do poder atômico. O jornal chega a destacar que:

*Desde o momento em que as divergências entre a China Comunista e a Rússia passaram a acentuar-se, Krushev tem intensificado os seus pronunciamentos em favor da paz e, não obstante a má vontade de determinados círculos ocidentais, que se comprazem em atizar lenha a guerra fria(...).(JORNAL DA BAHIA, 20-21/01/1963:3).*

Também, na mesma data de 20-21 de janeiro de 1963, o Jornal da Bahia destacaria a referência de Brizola a Petrobrás, apontando que a empresa é o próprio estado brasileiro e deve ser intocável. Apontando a importância da estatal para garantir a soberania e na garantia da economia do povo brasileiro.

No mês de março de 1963 a conjuntura política foi marcada pela viagem do Ministro Francisco de San Thiago Dantas aos Estados Unidos para renegociação da dívida externa brasileira, bem como uma possível ajuda financeira. O Jornal a Tarde concentrou boa parte de suas páginas a visita do ministro aos americanos do norte. As primeiras notícias traziam um tom otimista, a reportagem de 13 de Março de 1963 intitulada “500 ou 700 milhões de dólares para o Brasil” afirmava que o boletim das autoridades americanas demonstrava simpatia e confiança as autoridades brasileiras. Contudo, fatos tocantes ao comunismo não podiam ficar fora do debate, segundo a reportagem o ministro Dantas teria dito:

*(...) o Brasil 'prossegue menos preocupado com a subversão comunista do que com o desenvolvimento econômico como ameaça para a América Latina'. Acrescentou que a manutenção das relações diplomáticas com Cuba não constitui uma ameaça para o Brasil e que 'o governo tem força e segurança suficiente para enfrentar qualquer tentativa de subversão comunista'. (JORNAL A TARDE, 13/03/1963: 1).*

Observamos que a preocupação em afastar qualquer influência comunista do Brasil é uma das principais inquietações dos norte-americanos. Tal observação é notada a partir de 16 de março de 1963 quando o tom de preocupação toma conta das páginas do Jornal a Tarde. Em reportagem intitulada “*Afirmção de Washington: comunistas infiltraram-se no governo brasileiro*” o jornal relata a apreensão do embaixador norte-americano Lincoln Gordon com a subversão no Brasil, e ainda relata que o Congresso norte-americano estaria destinado a impedir a concessão de ajuda econômica devido à infiltração de comunistas no governo de João Goulart.

O relatório do embaixador Gordon traria mais repercussões em 18 de março de 1963 o Jornal a Tarde relata “*Em crise as relações Brasil-Estados Unidos*” apontando que o presidente Goulart exigia que o presidente Kennedy esclarecesse a notícia de infiltração comunista em seu governo. Na reportagem o diário aponta as atuações de Luis Carlos Prestes seu apoio ao governo Goulart, anotando ainda o pedido deste para que fossem suspensas as negociações financeiras até uma melhor explicação de Gordon.

Finalmente, o noticiário de 19 de março de 1963 intitulado “*Prosseguem normalmente as negociações*” apontava que tudo não havia passado de um mal entendido e que a missão de San Thiago Dantas continuava. A situação seria regularizada e o Brasil conseguia obter empréstimos.

Um editorial do Jornal a Tarde de 30 de março de 1963 deixaria explícito a sua opinião sobre o caso, denominado de “*Há ou não há infiltração comunista nas cúpulas brasileiras*” o texto aborda a participação de Brizola, do líder sindical dos marinheiros e do presidente da UNE no Congresso Continental de Solidariedade a Cuba. E o artigo seria claro em suas palavras:

*Estavam para desagravar e protestar contra as declarações do sr. Lincoln Gordon, e para provar que tais declarações são verdadeiras. Aliás, todo mundo sabe que há em nosso governo declarações simpáticas a Fidel Castro, que hoje representa inequivocamente a desejada cabeça de ponte dos soviéticos. (JORNAL A TARDE, 30/03/1963: 5).*

Claramente o Jornal a Tarde vê como fundamental a ajuda norte-americana como auxílio no desenvolvimento do Brasil, e preocupa-se com a circulação de figuras associadas ao comunismo no país.

Por outro lado, o Jornal da Bahia iniciava seus noticiários sobre as relações Brasil-Estados Unidos no dia 5 de março de 1963 com a reportagem “*Negociações econômicas entre Brasil e EUA começam dia 11*” destacando a atuação do embaixador Roberto Campos e do Ministro San Thiago Dantas com Lincoln Gordon e representantes americanos para



conseguir empréstimos para o Brasil. Na mesma página, uma nota chamaria atenção “*Recursos do Exterior devem vir da Sudene, afirma o Governador M. Arraes*”, relatando a opinião do governador pernambucano defendendo que a SUDENE deveria ser o órgão responsável por qualquer capital obtido, para que houvesse um melhor controle do mesmo e não prevalecesse o interesse de um estado sobre o outro, e ainda questionava de que forma os recursos obtidos poderiam efetivamente auxiliar no desenvolvimento do nordeste.

De início observamos a preocupação do Jornal da Bahia em relatar a opinião de um governador considerado por grande parte da imprensa e política como um homem vinculado as idéias comunistas, ao mesmo tempo sentimos um tom de defesa ao destacar que Miguel Arraes não era contrário aos empréstimos, e que sua preocupação estava na forma como os mesmos poderiam ser utilizados.

Em 6 de março de 1963 o Jornal da Bahia destacaria também a opinião do embaixador americano Lincoln Gordon afirmando a presença de grau de atividade comunista no Brasil. A reportagem intitulada de “*Gordon depôs sobre ‘ação comunista’ de Cuba em nosso país*” ainda apontava a opinião do ministro da Justiça americana Robert Kennedy que considerava difícil o diálogo com algumas autoridades brasileiras que considerava extremista. Bem como ocorreu com o Jornal a Tarde, o Jornal da Bahia traria reportagens demonstrando a preocupação dos norte-americanos com a influência comunista no Brasil e o repúdio do governo brasileiro a tais afirmações. Contudo, o editorial de 19 de março de 1963 “*O Brasil cresce na América Meridional*” trazia opiniões favoráveis a independência econômica brasileira, e uma crítica sutil a preocupação americana com a possível influência comunista:

*Naturalmente, para o povo brasileiro a conjuntura teria sido muito melhor se o Brasil já tivesse adquirido sua independência econômica. Enquanto tal não ocorrer, grande parte do resultado do nosso esforço se escoará indebitamente para o exterior. É o que sempre sucede nos países sub-desenvolvidos, e nos pré-industrializados, como o Brasil. (...) Seguimos o nosso caminho por conta própria. Prosperamos muito. Batemos recordes. (JORNAL DA BAHIA, 19/03/1963).*

Outra questão que rondava o cenário nacional e as páginas da mídia impressa era a reforma agrária. Por volta dos anos 1960, consolidou-se a idéia de que a questão agrária deveria ser resolvida no Brasil. A concentração da propriedade fundiária em mãos de poucos seria responsável por um conjunto de problemas que envolveriam a fome, miséria, baixa escolaridade e falta de estrutura da população rural. E estes problemas, passaram a ser vistos como entraves a industrialização e ao desenvolvimento econômico do país.

Em reportagem de 16 de março de 1963 o Jornal a Tarde destacaria “*A agricultura atrasou o desenvolvimento do país*”, o noticiário comentava o pronunciamento do governo Goulart que comentava a necessidade de reformas. A mensagem demonstrava a preocupação em melhorar a produtividade. Em outra reportagem, de 22 de março de 1963

*“Presidente retém reforma Agrária para conseguir a da constituição”*, o periódico coloca que o presidente Goulart afirmou que só enviara o projeto da reforma agrária ao congresso depois da reforma constitucional, pois a constituição precisava ser reformulada para que novos artigos ajudassem na reformulação da política agrária. Ainda, destacaria a fala de Edgar Teixeira Leite (vice-presidente da Confederação Rural Brasileira): “O arrendamento compulsório da propriedade, conforme consta no novo projeto da reforma agrária, preparado pelo governo, é altamente prejudicial à agricultura, pois desorganiza a produção e impede a concessão de créditos pelos bancos”. (JORNAL A TARDE, 22/03/1963).

A necessidade de reformas fazia parte do cenário nacional, Leonel Brizola fazia intensas campanhas em favor das mesmas, por vezes incitando a população. Como já foi dito, os jornais mais conservadores associavam suas atitudes a uma postura de um subversivo comunista. Em reportagem do a Tarde de 10 de abril de 1963 *“Brizola ameaça mobilizar os quartéis pela reforma de base”*, o diário aponta que o político gaúcho pretendia iniciar uma campanha com mobilização popular pelas reformas de base imediata, convocando os quartéis para participar, salientando que os militares sabiam a necessidade de enfrentar o latifúndio, a fome, a miséria e a espoliação econômica.

No dia 2 de maio de 1963 o periódico destacaria *“Goulart pede a união dos trabalhadores: reformas”*, a reportagem apontava um discurso feito na Praça da Bandeira por Goulart, onde o presidente afirmava a necessidade das reformas de base, e principalmente da reforma agrária, acentuando que era preciso a união da classe operária para o sucesso das reformas.

Coincidentemente, um dia após o apelo de Goulart, o periódico traria uma reportagem denominada *“Bispos são favoráveis à reforma constitucional”*, com a opinião da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Sobre as reformas, os bispos demonstravam-se favoráveis, destacando entre elas a necessidade de redistribuição de terra a partir de uma justa indenização. O jornal apontava a necessidade da cordialidade e bom senso como formas capazes de realização das reformas. E ainda, no dia 6 de maio de 1963 o editorial *“A Igreja e as reformas”* colocaria:

*Sobrepairando as miúdas quarelas e os chãos preconceitos, soube, por exemplo, levantar a campanha em favor da reforma agrária, chegando a arrebatar dos comunistas essa bandeira que era, até então, sua música de fundo, diante das multidões campesinas desesperadas. Hoje, ninguém se arreceia de propugnar por uma revisão agrária coerente, que respeite os direitos naturais de cada um, tanto o da propriedade individual, como o do direito ao trabalho da terra. (JORNAL A TARDE, 6/05/1963: 5).*

Enfatizando a necessidade de respeito a terra o editorial de 11 de maio de 1963 *“O direito de propriedade”* demonstraria o conservadorismo do periódico e o receio de uma reforma agrária feita com uma participação social efetiva:

*E entre estes direitos queremos hoje assinalar aquele que está sofrendo ataques dos que pretendem fazer uma reforma agrária apressada, estouvada, demagógica, imprudente, e até diríamos criminosa. (...) E é preciso lembrar que o totalitarismo procura submeter totalmente as atividades sociais ao controle estatal, enquanto os democratas, defensores da coisa impropriamente chamada de propriedade privada, procuram guardar e defender a autonomia e a espontaneidade da sociedade por seus grupos naturais. (JORNAL A TARDE, 11/05/1965: 5).*

Por fim, o editorial de 15 de maio de 1965 “*Pela Reforma*” deixaria ainda mais clara a opinião do jornal:

*Das reformas necessária hoje, a mais importante, hoje, é a agrária – que não significa a revisão total da propriedade rural, no país, mas o aproveitamento da terra e o encaminhamento do homem do campo para condições de trabalho que realmente lhe permitam viver com decência (JORNAL A TARDE, 15/05/1963: 5).*

Como observamos, o Jornal a Tarde era favorável a uma reforma agrária que respeitasse os princípios democráticos, que não passasse por cima dos interesses dos proprietários de terra, e não tivesse aproximação com os interesses dos comunistas.

O Jornal da Bahia em 12 de março de 1963 noticiava “*Brito: Governo enviará projeto de reforma agrária aos partidos*”, relatando que o deputado Oliveira Brito enviaria aos partidos uma cópia do ante-projeto da reforma agrária. E no dia 15 de março de 1963 o periódico alertava “*Governo ultima anteprojeto da lei da reforma agrária: pontos principais*” explicando sobre a desapropriação dos latifúndios e das áreas trabalhadas por terceiros como parceria, e que o pagamento seria feito em títulos especiais da dívida pública.

No noticiário de 16 de março de 1963 “*Jango: Política de desenvolvimento deve ser uma política de reformas*”. O Jornal da Bahia enfatizava o pronunciamento de João Goulart que apontava a preocupação com os problemas do país, destacando a reforma agrária, a administrativa e tributária como as mais importantes. O jornal da Bahia mostrava-se feliz com a política de reformas do governo Goulart, e o editorial de 18 de Abril de 1963, denominado “*A cultura dos campos*”, deixaria clara a postura sobre a reforma agrária:

*Não se faz porém, agricultura somente com escolas de agronomia e agrônomos, mas, sobretudo, com estradas, com transportes, com saneamento rural com a garantia da propriedade agrícola contra a força extorvia de certos chefes, com o preparo das massas trabalhadoras, com o pagamento de um salário capaz de assegurar vida modesta, porém digna do ser humano. (JORNAL DA BAHIA, 18/04/1963: 2).*

O Jornal da Bahia continuava a demonstrar a opinião de políticos considerados subversivos. Em 23 de abril de 1963, o noticiário destacava “*Arraes: subversivos são os que se opõem as reformas*”, a publicação apontava a opinião do governador pernambucano Miguel Arraes que caracterizava como subversivos os que se opõem as reformas, visto que, as mesmas determinariam o fim da exploração, representaria o avanço democrático e a esperança do povo. A mensagem do político defendia claramente a reforma agrária como direito para os que “*Trabalham a terra e não a desfrutam – pela reforma agrária – dos que não tem onde morar – pela reforma agrária – dos que aprendem a ler, não votam, não*

comem, não curam as doenças, dos que tem sede e fome de justiça”! (JORNAL DA BAHIA, 23/04/1963: 3).

No dia 7 de maio de 1963 o jornal da Bahia traria o *noticiário* “C.G.T. decretará greve geral se houver protelação das reformas”, destacando a convocação do Comando Geral dos Trabalhadores para uma paralisação de 24 horas no dia 25 de maio caso a aprovação das reformas de base seja protelada. O apoio à reforma agrária era clara no jornal da Bahia, contudo existia uma crítica a forma que ela foi proposta, o editorial de maio de 10 de maio de 1963 denominado “*Bilhetes de Brasília*” explicaria:

*A questão, entretanto, não está em dar uma rocinha a quem não a possui, tomando-a de quem tem em demasia. Não. A reforma agrária desejada, ou como a desejam as parcelas esclarecidas da opinião pública, ou como é de conveniência do meio rural brasileiro não esta apenas naquilo. Há muita gente que possui terra e não a pode explorar, por que não tem condições financeiras, nem técnicas para isso. Assim, ao propiciar, ao lavrador umas tarefas que serão suas, para o cultivo seu, e lucro somente seu, para o seu bem estar e conseqüentemente o alterar da estrutura econômica que ai está, com a felicidade coletiva, é preciso assegurar-lhe a assistência técnica que o faça aproveitar bem a área que lhe coube, é o credito que lhe permite o desenvolvimento de sua terra. (JORNAL DA BAHIA, 10/05/1963: 3).*

Por último, vivenciando uma sociedade conservadora e baseada nos ensinamentos religiosos, bem como o Jornal a Tarde, o Jornal da Bahia não deixaria de expor a opinião da Comissão Central da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CCCNBB) sobre as reformas do presidente Goulart, o que ocorre no editorial de 11 de maio de 1963 “*O apoio da Igreja as reformas de base*”, onde a atitude dos bispos em defender as reformas, e conseqüentemente as estruturas sociais do país, é elogiada.

O Jornal da Bahia mostrava-se favorável à política do presidente Goulart, vendo como fundamentais as reformas para a melhoria social e econômica do país. Quando faziam alguma crítica, era no sentido de melhoria das propostas, como no caso da reforma agrária, que para o editorial deveria ser seguida de incentivos técnicos e econômicos para garantir o sustento do trabalhador.

Finalmente, analisaremos os momentos que antecederam a Revolta dos Sargentos (12-09-1963), lembrando que a partir deste acontecimento a maioria dos jornais afasta-se definitivamente do governo Goulart. As notícias sobre as greves, reformas de base, e comunismo continuavam a recheiar as páginas do Jornal a Tarde. Em 5 de agosto de 1963, o editorial do jornal “*Advertência oportuna*” analisava o discurso do presidente Kennedy sobre a América Latina, e a possibilidade de uma revolução na região. O jornal alerta a necessidade de reforma social na região para que não se tenha uma revolução dura, ou seja, uma predominância do comunismo na região.

Em reportagem de 7 de agosto de 1963 “*Goulart: reformas de acordo com os princípios cristãos*”, nela destacava-se o pronunciamento de Goulart sobre as reformas, segundo o presidente ou as reformas eram feitas por meios pacíficos, ou ocorreria uma

revolução popular. O jornal associava a fala de Goulart a do presidente Kennedy, mostrando a preocupação do líder brasileiro na mudança das estruturas da sociedade de forma serena e democrática.

Uma notícia chamaria atenção no dia 21 de agosto de 1963 *“Pessedistas exigem vigilância aos comunistas”*, destacando que o PSD deverá reunir-se para reafirmar seu apoio ao presidente Goulart, contudo exigindo maior vigilância à infiltração comunista e soluções mais reais no controle do problema de abastecimento. Tal acontecimento levou ao editorial de 26 de agosto de 1963 *“O basta do PSD”*, onde o noticiário afirmava que o PSD não suportava mais os avanços socializantes do governo Goulart.

O editorial de 27 de agosto de 1963 *“Golpe na Aliança”* destacaria a frustração do Jornal a Tarde frente ao corte de verbas do governo americano para a Aliança para o Progresso, vista pelo noticiário como uma das soluções dos problemas sociais da América Latina. A Aliança para o Progresso foi uma tentativa do presidente americano John Kennedy de desenvolver a economia da América Latina mediante ajuda financeira e técnica, como tentativa de barrar o avanço comunista na região.

No mês que antecedeu o levante dos sargentos, alguns fatos marcaram as páginas do Jornal a Tarde. Inicialmente, a greve do porto de Santos, o noticiário *“Greve de Santos ameaça alastrar-se”*. Demonstrando a possibilidade de uso da polícia, e até mesmo do exército, caso a greve continuasse, e a preocupação com o apoio de outros setores que poderiam aderir a greve. Outro noticiário analisava o enfrentamento entre estudantes e policiais na capital federal, o noticiário de 3 de setembro de 1963 *“Brasília vive momentos de grande intranqüilidade”* relata os conflitos, colocando a atitude dos estudantes como associada a ações comunistas, e relatando a carta do coronel da reserva, senhor Asdrúbal Azevedo, que questionava frente à câmara dos deputados a possibilidade João Goulart manter a constituição.

Por fim, o editorial de 10 de setembro de 1963, denominado *“Quebra-cabeças”* criticando seriamente a política nacional, e fazendo um ataque direto ao presidente Goulart, afirmando ser incompreensível a orientação do presidente frente aos negócios públicos:

*Eis outro exemplo, a reforma agrária. Depois de muito falar e prometer, até hoje não há quem confie nas promessas reiteradas do presidente, alias latifundiário e comerciante de terra. (...) São também declarações peremptórias e sucessivas de a ‘inflação foi controlada’, enquanto ela campeia. Por fim, um ‘Plano Trienal’ elaborado com sacrifício e muita propaganda, para, logo depois, ser emendado e quase desfigurado (JORNAL A TARDE, 10/09/1963: 3).*

Antes mesmo da eclosão da Revolta dos Sargentos, o Jornal a Tarde demonstrava preocupação com as greves que assolavam o país, com a estagnação das reformas, e, dentro do seu conservadorismo, associava os movimentos sociais a um avanço comunista.

Por outro lado, o Jornal da Bahia continuaria a demonstrar confiança no governo Goulart, focando suas reportagens nas ações do governo. Mereceu destaque as divergências constituídas entre o PSD e o governo Goulart, em 14 de Agosto de 1963 o periódico destaca *“Divergências do PSD com governo continuam vivas”*. A reportagem relata o descontentamento do PSD com a alta inflação, a falta de infra-estrutura, o Plano Trienal, e também discordava da proposta de reforma agrária apresentada pelo governo, sugerindo uma nova redigida pelos líderes pessedistas. Impasse que só seria resolvido em 21 de agosto como destacou o jornal *“Reabertos os entendimentos PSD-PTB”*, onde os dois partidos pretendiam encontrar uma formula comum para o problema da reforma constitucional e agrária.

Em 24 de agosto de 1963, o jornal traria o resultado do discurso de Goulart na Cinelândia. Com a reportagem *“Goulart exalta Vargas e pede união para concretizar a reforma agrária”*, destacando o discurso de Goulart afirmando que o povo continuaria a obra iniciada por Vargas, e a importância da reforma agrária, bancária e constitucional para revolucionar a produção brasileira e integrar os trabalhadores do campo a vida nacional.

Interessante seria o editorial de 7 de agosto de 1963 denominado *“Reforma Agrária”*, neste foi destacado a importância da reforma para a melhoria da conjunta econômica do país, defendendo a ação do governo sobre o assunto, o jornal explicaria:

*Assim sendo, o Brasil chegou ao ponto crucial da bifurcação. Para não parar tem que prosseguir. E para prosseguir haverá de optar por um ou outro caminho. Se países como a Rússia, a China, e, mais recentemente, Cuba, realizaram a reforma agrária, e a estão realizando, por meio da revolução, outros tantos, porém, como a Itália e o Japão, a realizaram por meios pacíficos e legais, dentro do espírito que rege suas organizações estatais. Não é possível, portanto, que o Brasil, terra avessa à violência e ao derramamento de sangue, vá escolher o segundo caminho em face da cegueira e da intransigência criminosa dos reacionários (JORNAL A TARDE, 7/08/1963: 3).*

Os momentos que anteciparam a revolta dos sargentos foram retratados como períodos de transformações e afirmação do governo Goulart no jornal da Bahia. Em 1º, 2º de setembro de 1963 a reportagem *“Governo poderá acionar esquema de pressão para forçar a reforma agrária”* apontando a perda de apoio do PSD por parte do governo e a possibilidade do uso de greves para pressionar as reformas. E no dia 10 de setembro de 1963 relatava-se a necessidade do presidente demonstrar a sua vocação democrática ao transpor o comentário do seu discurso do dia da independência *“Jango: no Brasil não há futuro nem lugar para ditadura”*, salientando as suas reformas como desejo da sociedade brasileira.

Apesar de enfrentar a oposição de setores do PSD, do momento conturbado que ia estabelecendo-se no cenário nacional, o Jornal da Bahia preferiu focar seu noticiário na

vocação democrática do presidente Goulart, bem como nas dificuldades que ele vinha encontrando para consolidar seus projetos.

### **Conclusão.**

O período do governo João Goulart foi cercado por contradições. Os interesses e demandas de vários grupos dificultam um entendimento mais consensual sobre o período. Neste sentido, sobra ao presidente uma imagem de um político sem rumos definidos. Contudo, uma análise mais específica do contexto demonstra a necessidade do Executivo de responder aos interesses, pressões e questionamentos dos mais variados grupos da sociedade.

Debates classistas e tentativas da construção de uma opinião sobre o governo presidencialista de João Goulart podem ser facilmente percebidos na leitura jornalística deste contexto. A idéia de um presidente confuso e de opiniões variáveis esconde as dificuldades de Goulart em responder todas as demandas postas naquela conjuntura. Por outro lado, a falta de entendimento daquele contexto, conjuntamente com interesses que pretendiam ofuscar uma tentativa de mudança no nosso capitalismo excludente ajuda a consolidar uma memória negativa do Executivo entre os anos de 1963-1964.

O Jornal a Tarde inicialmente apoiou o fim do parlamentarismo e o retorno do poder a João Goulart. Entretanto, representante da elite conservadora baiana esteve sempre atento as decisões do presidente e do seu gabinete. Existia uma desconfiança frente ao governo Goulart, um medo diante do chamado “perigo comunista”, e do impacto das reformas propostas na sociedade. O jornal deixa clara a desconfiança do presidente Goulart e sua oposição as idéias comunistas ao longo de seus noticiários. Contudo, com a o aumento do número de greves no país, o diálogo do presidente com figuras consideradas partidárias do comunismo, a não conclusão de algumas reformas avaliadas como importantes, levariam ao aumento de críticas sobre a administração, o que seria intensificado a longo prazo com a revolta dos sargentos.

Já o Jornal da Bahia mostrou-se mais tolerante com a figura do presidente. Formado por partidários das idéias comunistas, simpatizavam com a proposta de reforma agrária, de diálogo com todos os setores da sociedade e da aproximação de Goulart com todos os representantes políticos. Suas críticas eram baseadas na esperança de mudança dentro do cenário político, na crença de que o gabinete presidencial pudesse resolver as demandas sociais. E viam nos movimentos sociais, como as greves, uma oportunidade de reivindicação dada pelo governo ao povo.

O jornal impresso pode ser um dos principais espaços para o entendimento destas contradições e interesses que cercavam a conjuntura analisada. E somente uma análise mais cautelosa permite entender os meandros de um contexto marcado por lutas de classe e interesses internacionais cercados pela Guerra Fria, sem cair na idéia de falsa objetividade pretendida pela mídia.

### **Bibliografia:**

- ABREU, Alzira Alves de. 1964: a imprensa ajudou a derrubar o governo Goulart. *In: FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). João Goulart entre a memória e a história.* 1ª ed., Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.
- ARAÚJO, Célio Roberto de, *O voto, o terço e as armas: atuação política da Igreja Católica na Bahia na conjuntura do golpe de 1964.* Salvador, 2008.
- BRITO, A. M. F.. *O golpe de 1964, o movimento estudantil na UFBA e a ditadura militar (1964-1968)*, 2008.
- CAPELATO, M. H. R.. *Imprensa e História do Brasil.* São Paulo, Contexto/Edusp, 1998.
- DANTAS NETO, P. F.. *Tradição, autocracia e carisma: a política de Antonio Carlos Magalhães na modernização da Bahia (1954-1974).* 1. ed. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais., 2006, v. 1
- DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado. Ação Política, Poder e Golpe de Classes.* 3ª ed., Petrópolis, Editora Vozes, 1981.
- FALCÃO, João. *Jornal da Bahia: um jornal perseguido por ACM.* *In: Armazém literário*, 2006, disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=401AZL001>, acessado em 4 de agosto de 2008.
- FALCÃO, João. *O Partido Comunista que eu conheci. (20 anos de clandestinidade).* 2 ed. Salvador: Contexto & Arte Editorial, 2000.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. João Goulart: entre a memória e a história. *In: FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). João Goulart entre a memória e a história.* 1ª ed., Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.
- GRAZZIOTIN, Francine. *Imprensa: considerações para seu uso como fonte histórica.* *In: Semina (Cadernos dos pós-graduandos do programa de pós-graduação em história revista).* UPF, V IV, 2005.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. João Goulart e a mobilização anticomunista de 1961-1964. *In: FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). João Goulart entre a memória e a história.* 1ª ed., Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.



PEREIRA NETO, André de Faria. *O Estado de São Paulo e a deposição do Presidente Goulart (1964): Um estudo sobre as peculiaridades do liberalismo no Brasil.* In: *REVISTA DE HISTÓRIA REGIONAL* 4(2):107-123, Inverno 1999.

RANGEL, Monique Benati. Escândalo Impresso: o Governo Goulart em O Globo e no Jornal do Brasil. In: *XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005.*

ROMANCINI, Richard . História e Jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa. In: Cláudia Lago; Márcia Benetti. (Org.). *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2007, v. 1.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de e Proença, José Luiz. A informação comprometida - O noticiário da Folha da Tarde durante a ditadura militar. *Trabalho apresentado ao NP 02 – Jornalismo – Sessão Temática Teoria e História, do 4º Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.*

TANNOUS, S. A.. A imprensa na derrubada do governo presidencialista de João Goulart (1963-1964). *Caderno Caminhos da História (Universidade Severino Sombra)*, v.5, p. 1-14, 2009.

TANNOUS, S. A.. A imprensa na derrubada do governo Goulart : 1963-1964. *Semina (UPF)*, v. 6, p. 1-15, 2009.

Recebido em *Março* de 2010

Aprovado em *Outubro* de 2010